

PENSAR E REPENSAR A DIDÁTICA NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

BRITO, Alessandra Dias
aledias19@gmail.com

CENTURIÓN, Irene Márcia Rocha
irene_centurion@yahoo.com.br

TELES, Talita Nascimento
talitanteles@hotmail.com.br

Orientadora:
SANTOS, Gustavo André
Especialista em Língua Portuguesa

Resumo

O tema "Pensar e Repensar a Didática no Ensino da Língua Portuguesa" busca compreender um conjunto de regras que estão de posse dos professores e que, ao mesmo tempo, constituem a orientação da sua prática pedagógica, uma vez que a atividade docente compreende autonomia dissociando-se das questões da escola, dos anseios dos alunos e da sociedade. Privilegia-se uma didática que mantém teoria e prática em pólos opostos, que não se atraem e muito menos se interconectam. Assim, o objetivo aqui presente é aprofundar os conhecimentos sobre a didática no Ensino da Língua Portuguesa na Educação Superior, destacando os aspectos relacionados à teoria e prática. A escolha do tema também foi motivada por entender-se que durante a vida acadêmica o futuro profissional da Língua Portuguesa mantém contato direto com diversas teorias, conceitos, que na

prática são esquecidos ou equivocados. Logo, a pesquisa através da temática abordada é de grande relevância para a formação do professor de Língua Portuguesa, em virtude de representar um momento de reflexão, que possibilitará ao futuro profissional perceber o canal de comunicação entre a didática teórica e prática tão necessária à sua formação.

Palavras-chaves: Didática; Teoria e prática; Língua Portuguesa

INTRODUÇÃO

Diante das profundas transformações que a sociedade pós-moderna vive, tanto a educação como o estudo específico da Língua, passam por um processo metamorfósico de busca de construção e de identidade. Nesses termos, o ensino da disciplina Língua Portuguesa não foge a essas inquietações, uma vez que se vê abarcado por novas propostas de ensinar e de aprender, que na prática acabam sendo esquecidas ou adormecidas pelo professor.

Passa-se por um momento de transposição da didática, onde o ensino da Língua, pelo menos no seu discurso, deslocou o eixo da memorização para articulação de idéias através do desenvolvimento textual, eliminando os aspectos descontextualizados, sem sentido. Tornou-se pertinente a reformulação dos conceitos do que seria ensinar a Língua Portuguesa, considerando-a como instrumento de comunicação oral ou escrita, constituindo-se tanto no ponto de partida como no de chegada. Assim, as atividades de leitura, escuta, escrita e fala devem visar ao desenvolvimento, no aluno, das habilidades de compreensão, reflexão e construção, e não construírem barreiras para o desenvolvimento intelectual dos mesmos.

Nesse sentido, a docência da Língua Portuguesa deve levar em consideração que o "ensino é uma atividade determinada pelo contexto escolar, pelos contextos cultural, individual, pelo contexto econômico; enfim, o ensino é uma atividade determinada por diversos contextos" (PIMENTA, 2002, p.17 - 18).

A partir dessa conjuntura, a Língua Portuguesa apresenta-se passível de várias interpretações que advêm de contextos em que estão inseridos: o aluno, que

atua como o sujeito da ação de aprender; a língua que é o meio do conhecimento utilizado na fala e na escrita; e o ensino, mediador entre o aluno como sujeito e o objeto do conhecimento que é a língua.

Assim, aprender e ensinar Língua Portuguesa requer o pensar e repensar numa didática bem trabalhada, que associe teoria e prática, planejada, utilizando diversas ferramentas e recursos variados com a finalidade de levar à compreensão do corpo discente o conteúdo trabalhado em sala de aula, levando o aluno a uma reflexão daquilo que está sendo exposto, permitindo um melhor aprendizado. O grande problema é que o estudo da Língua Portuguesa ainda mantém, segundo Antunes (2003, p.19 - 20), "a perspectiva reducionista do estudo da palavra e da frase descontextualizada". Embora haja instituições que lançam um novo olhar acerca da reorientação dessa prática, ainda não passa de iniciativas assistemáticas.

Isto significa que este quadro que se encontra exposto no contexto das universidades é quase desesperador por questões de insucesso escolar que acaba se manifestando de 02(duas) maneiras: os professores brincam de ensinar e os alunos brincam de aprender, o que posteriormente se converte numa aversão às aulas. Dessa forma, isso por vezes acontece pela falta de compromisso do professor que acaba provocando reflexos negativos em seus alunos.

Nada do que se realiza na sala de aula deixa de estar dependente de um conjunto de princípios teóricos, a partir dos quais os fenômenos lingüísticos são percebidos e tudo, conseqüentemente, se decide. Desde a definição dos objetivos de estudo, até a escolha dos procedimentos mais corriqueiros e específicos, em tudo está presente uma determinada concepção de língua, de suas funções, de seus processos de aquisição, de uso e de aprendizagem (ANTUNES, 2003, p. 39).

Na verdade, essas questões envolvem um caráter puramente didático, uma vez que o professor abdica um pouco os aspectos teórico-práticos e dá credibilidade a um ou ao outro. É uma fraqueza total, "movidos pela percepção da distância entre o ensino ideal e o atual" (BORDENAVE; PEREIRA, 1995, p.15).

Essas questões perpassam por uma falta de articulação entre o ensino da Língua Portuguesa e da didática, uma vez que o professor trava esse distanciamento no processo de ensino-aprendizagem. "O verdadeiro fazer didático é aquele capaz de refletir corretamente cada situação de aprendizagem a partir do exame concreto da realidade onde educador-educando estão inseridos(...) " (CANDAU, 2004, p. 50).

O sentido que deverá ser dado à didática no ensino da língua é o sentido real, onde haja substituição dos modelos mecânicos por modelos divergentes e, ao mesmo tempo, cúmplices que caminhem juntos. Ainda na visão de Candau (2004,p. 51), os movimentos mecânicos perderão seu lugar para os movimentos espiralados e divergentes "que caminharão do específico ao geral e deste ao específico, assumindo as características processuais de um saber sempre redefinido a partir da experiência concreta em ação".

Nesse sentido, a didática tem uma importante contribuição a dar em função de clarificar o papel sócio-político da educação, da escola e, mais especificamente, do ensino. A Didática no âmbito desta pedagogia auxilia no processo de politização do futuro professor, de modo que ele possa perceber a ideologia que inspirou a natureza do conhecimento usado e a prática desenvolvida na escola.

Lopes *et alli* (1991) destaca que na didática, considerada teórica, é tarefa do professor selecionar e organizar o ensino, mas, como isso não acontece, ele acaba por praticar o que foi construído e pensado por outras pessoas, havendo assim uma contraposição entre a teoria e a prática.

O enfoque da Didática deverá trabalhar no sentido de ir além dos métodos e técnicas, procurando associar escola-sociedade com teoria prática. No entender de Libâneo (1994, p. 28):

(...) a didática pode constituir-se em uma teoria do ensino. O processo didático efetiva a mediação escolar de objetivos, conteúdos e métodos das matérias de ensino. Em função disso a didática descreve e explica os nexos, relações e ligações entre o ensino e a aprendizagem; investiga os fatores co-determinantes desses processos; indica princípios, condições e meios de direção do ensino, tendo em vista a aprendizagem, que são comuns ao ensino das diferentes disciplinas de conteúdos específicos.

A didática precisa manter essa relação com a Língua Portuguesa, para que esta possa buscar e desenvolver no aluno não só a habilidade de compreensão, de discursos e reflexões sobre os mesmos, mas aguçar neles a vontade de produzir e difundir idéias. Como a linguagem verbal possui estrito vínculo com o pensamento, e, por isso, não pode ser compreendida sem relação com uma situação concreta de enunciação, as atividades propostas pelo professor devem contemplar as diversas situações sócio-comunicativas a que o aluno é (ou será) exposto em sua vida cotidiana, científica e profissional.

Daí decorre a fundamental importância da didática na abordagem do professor em sala de aula, para que o estudo da Língua Portuguesa e da realidade quanto ao uso da língua cumpra o papel fundamental da educação, auxiliando no

processo de politização do professor e aprendizagem significativa do aluno, o que consiste num desafio.

O grande desafio da didática atual é, na nossa opinião, assumir que o método didático tem diferentes estruturantes e que o importante é articular esses diferentes estruturantes e não exclusivizar qualquer um deles, tentando considerá-lo como o único estruturante. Portanto o desafio está na superação do formalismo, na superação do reducionismo e na ênfase na articulação: articulação essa que tenta trabalhar dialeticamente os diferentes estruturantes do método didático, considerando cada um deles, suas inter-relações com os demais, sem querer negar nenhum deles (CANDAUI *et alli*, 1995, p.37).

Com isto, surge a necessidade de o professor superar uma didática instrumental e dicotômica, que costuma apregoar no seu processo ensino-aprendizagem, abrindo espaço para uma didática mais geral que tem como objetivo a prática pedagógica articulada e crítica. Para Candau (1995) a didática geral é aquela que procura provocar reflexões sobre os seus próprios pressupostos, os estruturantes do método didático. O papel de cada um é a articulação decorrentes deles, levando em consideração as questões que perpassam toda e qualquer prática educativa escolar.

Em verdade, haverá muito ainda o que mudar no ensino da Língua Portuguesa. Deverá haver um processo em que professores e alunos enriqueçam-se reciprocamente no compartilhamento das experiências da Língua, o que leva a crer na necessidade de um pensar e repensar acerca da didática utilizada pelo professor. Posto isto, as mudanças quanto aos métodos didáticos no ensino da Língua devem partir do professor, porque é diretamente responsável pelo fazer diário de sala de aula.

Será preciso querer mudar, e por isso vale a pena que o professor aprenda a olhar para si mesmo com um certo distanciamento para aceitar os erros sem culpa, e assumir os riscos de uma atitude independente. Provavelmente, essa grande mudança não virá nem das Universidades nem dos órgãos oficiais do ensino, nem dos projetos dos lingüistas e dos pedagogos. Todas essas instâncias têm uma colaboração a dar, mas, se não estou enganado, essa colaboração, hoje, só pode servir para limpar o terreno. A mudança virá daqueles que vivem o ensino, não daqueles que especulam sobre ele. Virá de dentro (SANFELICE, 1988, p.37).

Nota-se a partir daí a grande importância do professor no ato da mudança uma vez que o ensino da Língua Portuguesa precisa construir juntamente com a didática novas formas de lidar com o ensino e aprendizagem. Para Haydt (1997, p. 13), "ensinar e aprender são duas faces de uma moeda. A didática não pode tratar do ensino, por parte do professor, sem considerar simultaneamente a aprendizagem, por parte do aluno".

Ensinar a Língua Portuguesa no curso superior é desenvolver um trabalho com linguagens, que permita o aluno a observar, perceber, interferir, descobrir, refletir sobre o mundo, interagir por meio do uso funcional da linguagem e que esta reflita a posição histórico-cultural e o caráter ideológico empregado nos diversos discursos oral ou escrito.

Nessa nova perspectiva de ensino da Língua Portuguesa, o aluno deverá tornar-se um cidadão crítico, atuante, transformador para a existência de uma sociedade mais justa e democrática. O ensino da Língua Portuguesa deve ser concebido, atualmente, como um possibilitador de competências lingüísticas no sentido de inserir o aluno num contexto globalizador, ao mesmo tempo em que deve lhe proporcionar meios generalizantes de escuta/escrita de textos produzidos pelos formadores de opinião.

O ensino deve valorizar uma variedade lingüística que reflita as diferenças regionais. Além das variedades lingüísticas, que refletem diferentes valores sociais, o ensino de Língua Portuguesa deve contemplar os diferentes gêneros literários, buscando dar ao aluno condições de ler/entender os tipos de discursos bem como produzi-los, a partir de suas necessidades reais. Ele precisa ter consciência dos diferentes níveis de linguagem e saber utilizar, a cada situação concreta, o padrão lingüístico mais adequado, inclusive aquele exigido pelas situações mais formais.

Assim, considerando a relação estreita entre linguagem e pensamento, deseja-se um aluno preparado para perceber e produzir bons textos de acordo com seus interesses e necessidades. Na verdade, pretende-se um aluno produtor de idéias e não simplesmente um reproduzidor.

A possibilidade de concretização das questões acima mencionadas implica que estejam refletidas na prática didático-pedagógica do professor, para que cada aula sua seja sinônimo de construção e não de aversão. Corroborando estas idéias, Rangel (2005, p. 89) argumenta:

A aula é ainda o espaço singular e significativo do ensino-aprendizagem (e acredita-se que permaneça, pelos muitos sentidos didáticos, pela sua dimensão humana e psicopedagógica, pelas relações, que possibilita e preserva).

No ato de ensinar e aprender a Língua Portuguesa na escola, o professor deve, primeiramente, entender a relação existente entre o aluno, a língua e o ensino, extraindo ao máximo todas as informações necessárias para poder formular uma didática inovadora, a fim de atender aos anseios dos seus alunos. Mas, o que acontece na verdade, é que a preocupação maior por partes de alguns educadores

é apenas transmitir o conteúdo escrito nos livros fazendo seus alunos decorarem o que está lendo para fazer uma prova.

Acreditamos que a pouca importância atribuída à sala de aula do terceiro grau, enquanto objeto de estudo, prejudica sobremaneira a reflexão sobre a qualidade do ensino oferecido em nossos cursos de graduação, assim como a organização de iniciativas que visem a melhoria do ensino e a capacitação didática do docente que atua neste nível (MOREIRA, 1997, p. 115).

O ato de traçar uma didática que leve o aluno à reflexão e compreensão da língua estudada é difícil ser observado entre os professores. A partir daí, denota-se a grande importância de pensar a didática no ensino da Língua Portuguesa, como uma ferramenta importante e necessária para gerir novos processos de ensino e aprendizagem, didaticamente mais significativos.

A relação que pode ser estabelecida entre a didática teórica e a prática é de fundamental importância para o processo educativo no ensino da Língua Portuguesa. Partindo desse pressuposto, é que as discussões acerca da didática teórica e prática se fortalecem.

Dentre as questões visivelmente influenciadoras dessa disparidade teórico-prática na Língua Portuguesa encontra-se a formação do professor seguida da sua negação de auto-avaliação, enquanto profissional, ou seja, a academia deixa a desejar no tocante à formação do seu professor e este ao se tornar "profissional" não se auto-avalia. Este é um repasse de responsabilidades que faz o alunado ressentir.

O professor de Língua Portuguesa, antes de mais nada, precisa ser sensível e procurar se auto-avaliar, uma vez que este processo deve permanecer do

nascimento até a morte. Auto-avaliando-se ele conquista a possibilidade de mudar o curso do seu trabalho, de reconhecer suas falhas e rever seus conceitos teóricos, suas práticas, ou seja, ele abre um leque de possibilidades que lhe permitirá trabalhar uma melhor ligação entre a didática teórica e prática no ensino da Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BORDENAVE, Juan Díaz; PEREIRA, Adair Martins. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

CANDAU, Vera Maria(org). **Rumo a uma nova didática**. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. **A didática em questão**. Petrópolis: Vozes, 2004.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de didática geral**. São Paulo: Ática, 1997.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994 (Coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor).

LOPES, Antonia Osima. **Repensando a didática**. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

MOREIRA, Daniel A. (Org). **Didática do ensino superior: Tendências e técnicas**. São Paulo: Pioneira, 1997.

PIMENTA, Selma Garrido. **De professores, pesquisa e didática**. Campinas, SP: Papyrus, 2002. (Coleção Entre Nós Professores).

RANGEL, Mary. **Métodos de ensino para a aprendizagem e dinamização das aulas**. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

SANFELICE, José Luís. **A universidade e o ensino de 1º e 2º graus**. Campinas, SP: Papyrus, 1988.